

A GÊNESE DO MOVIMENTO CASA DA PONTE DE ITAUCU/GO-GO: PRESERVAÇÃO DOS SABERES MATERIAIS E IMATERIAIS DE UM POVO

Rúbia Garcia de Paula¹ (UEG)
Alessandra Carlos Costa Grangeiro² (UEG)

GT10 - Estudos Literários

Resumo

Este trabalho aborda o nascedouro do Movimento Casa da Ponte de Itauçu/Go (MCP) enquanto difusor e propulsor dos saberes locais. É desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas e, na ausência de outras fontes, por meio de conhecimentos empíricos da autora desta pesquisa, um dos membros pioneiros na formação do MCP. As fontes bibliográficas contendo dados histórico-geográficos recaem, sobremaneira, em três trabalhos monográficos de autores locais, um geógrafo e duas historiadoras, que abordam óticas diversas convergindo para elementos característicos do município de Itauçu, Estado de Goiás. Enquanto as entrevistas recorrem às memórias do próprio povo tanto no que tange à formação da comunidade local, quanto aos primeiros presságios do próprio Movimento Casa da Ponte. Mas o que impulsiona de fato a pesquisa advém da participação efetiva da pesquisadora no Movimento que, conforme será explanado, representa o sonho de várias gerações, a se bifurcar em dois grandes objetivos: o restauro do imóvel mais antigo da cidade ainda de pé, a Casa da Ponte; e a instalação de um complexo cultural que engloba o Museu da Memória e a Casa da Cultura. A pesquisa deságua, ao final, nas ações do MCP em parcerias público-privadas buscando atingir os citados objetivos, e na promoção dos saberes locais, sobremaneira, pela realização do Sarau Casa da Ponte. Efetivado nas duas últimas edições em via pública, para o sarau vertem-se as mais diversas expressões artísticas do povo itauçuense: música, literatura, artes cênicas, artesanato, folclore. Portanto, evidencia-se o cunho preservacionista do MCP quanto aos saberes materiais e imateriais do povo local.

Palavras-chave: Casa da Ponte. Restauro. Cultura. Sarau. Memória.

Introdução

¹ **Rúbia GARCIA DE PAULA**, discente de pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária na Universidade Estadual de Goiás, câmpus Inhumas, onde também cursa o 1º período de Letras e desenvolve o projeto de extensão “Saraneando o que há de bom: a produção poético-literária em Itauçu”, coordenado pela prof. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Integrante do Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go. rubia.rgp@gmail.com

² **Alessandra CARLOS COSTA GRANGEIRO**. Professora Doutora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. alessandraccosta@gmail.com

Este artigo traz uma abordagem pioneira do Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP), surgido em 2014 no afã de restaurar o imóvel de 1932 e preservar as manifestações culturais locais. Portanto, não tem o condão de encerrar o tema, mas instigá-lo na academia a fim de que áreas diversas vislumbrem um campo vasto à pesquisa, tais como arquitetura, história, engenharia, museologia, literatura, ciências jurídicas, enfim, todo o leque científico que promove o palpável para transcendê-lo e situar a espécie humana enquanto ser social.

Pelo caráter novel do assunto, chama a atenção dois fatos interessantes. O primeiro refere-se ao cunho independente e apartidário do MCP; o segundo, ao papel fundamental das mídias digitais - mais especificamente do *Facebook* e do *WhatsApp* - na confluência, organização e expansão das ações. Tudo isso sustenta a ideia de que o arcabouço bibliográfico oficial ainda é restrito, tangenciando o foco para a oralidade, o empirismo e as novas mídias tecnológicas, às quais a Universidade precisa estar aberta a fim de legitimar este estudo.

Assim, no intuito de comprovar a atuação do MCP na preservação dos saberes locais, dividiu-se a pesquisa em três partes, quais sejam: 1- Itauçu, um divisor de águas; 2- A Casa da Ponte de Itauçu e o imaginário popular; 3- Movimento Casa da Ponte: um sonho, muitas lutas. Por meio delas desenrola-se a linha do tempo que se inicia na formação do povoado, em 1911; passa por 1932, com a construção da Casa; repisa o imóvel nos anos 1938-1954; e, por fim, salta para 2013-2017, com o resgate das origens e a busca pela realização de um sonho.

1- Itauçu, um divisor de águas

Itauçu é um município da região central do Estado de Goiás. Segundo o IBGE, a estimativa da população em 2016 era de 8.988 habitantes. O geógrafo José Braga Coelho oferece a localização: “posicionado geograficamente a 49°36’29” de longitude W e 16°12’02” de latitude S, a 839 m de altitude em relação ao nível do mar, sendo que a temperatura do ar varia em média máxima de 34,7° e média mínima de 15,1° C.” Dados interessantes, visto que o município é um marco divisor de bacias hidrográficas: as nascentes do lado norte seguem para a Bacia do Araguaia/Tocantins e as do sul, para a Bacia do Prata. (COELHO, 2001)

Situado às margens da Go-070, entre Goiânia e a Cidade de Goiás, o município nas primeiras formações era trajeto de tropeiros em direção à antiga Vila Boa. A essa época pertencia ao município de Itaberaí, ou Curralinho, e era apenas uma fazenda: Três Barras.

Conforme preleciona a historiadora Elisabeth Maria de Fátima Borges, as tropas nela paravam seduzidas pelo clima ameno, pela abundância de águas e por se constituir num extenso descampado formado pelo capim catingueiro, o que mais tarde fez nomear o povoado de Catingueiro Grande (BORGES, p. 23).

Nesse cenário, um tropeiro vindo de Minas Gerais, Ernesto Baptista de Magalhães, em 1911 adquiriu parte de uma fazenda à margem direita do Rio Meia Ponte, dando início aos cafezais, que lhe dariam o título de maior produtor do Estado. Já em 1913, um casal vindo de São Paulo, Antônio Albino e Alzira Clemente, promoveu a formação do Catingueiro Grande após construir no local uma capela em homenagem a Nossa Senhora d'Abadia. O povoado cresceu ao redor dessa capela, sobretudo, após a construção da primeira rodovia do Estado, que passava por Campinas e Catingueiro Grande (patrimônio de Curralinho) até chegar à Vila Boa, antiga capital. (BORGES, 2005, p. 23-26).

Posteriormente, em 1936, o povoado do Catingueiro Grande tornou-se Distrito Cruzeiro do Sul e, em 1948, emancipou-se de Itaberaí pela Lei nº 175, de 11 de outubro, recebendo o nome tupi-guarani Itauçu, que significa Pedra Grande.

2- A Casa da Ponte de Itauçu e o imaginário popular

A casa da ponte da Cidade de Goiás, hoje Museu Casa de Cora Coralina, onde viveu a poeta, habita o imaginário popular, principalmente, pela personalidade da moradora: mulher, escritora e doceira. Já a ficcional casa da ponte de Autran Dourado em “O risco do bordado” desperta fantasias no personagem João pelos dotes físicos da meretriz Teresinha Virado (DOURADO, 1995, p. 13-69). Enquanto a Casa da Ponte de Itauçu-Go, tratada nos contos “A casa”, de Lucinda Prado (PRADO, 2013), e “Aquela Casa”, de Hailton Correa (CORREA, 2015), permeia a mítica da cidade, sobretudo, pela figura do antigo morador, coronel Ernesto Magalhães. Assim, essas casas possuem em comum, além da óbvia localização, e das “muitas janelas” (DOURADO, 1995, p.13), um elemento imaterial: o mito.

Antes, porém, de enveredar ao intangível, passa-se ao importante elemento físico, a Casa. A Casa da Ponte de Itauçu-Go é o prédio mais antigo da cidade que ainda resiste às intempéries, apesar do delicado estado de conservação. Foi erguida sob o patrocínio do pai do historiador Chafi José, o libanês Gabriel José, um comerciante vindo de Ipameri em 1925 a

convite do pioneiro Antônio Albino, ano em que o historiador Chafi José nasceu, em Itauçu (CHAFI, 2006). Na fachada, há a data da construção: 1932. No prédio, após muitas reformas, identifica-se vários estilos: colonial, *art déco*, operário, *belle époque* (FUNDAÇÃO, 2017).

O imóvel é popularmente conhecido como “Casa da Ponte” porque foi erguido nas proximidades da ponte sobre o córrego Maria da Silva que, a poucos metros, deságua no nativo rio Meia Ponte, importante abastecedor de água do Estado. Segundo Coelho, “na Fazenda Mato Dentro, de propriedade do senhor Irani Afonso Vieira, está a nascente do Rio Meia Ponte, que é o principal rio do Estado de Goiás, onde em sua bacia se concentra dois terços da população goiana” (COELHO, 2001). Para compreender a importância do rio não só pelo fornecimento essencial da água, mas também pelo patrimônio cultural imaterial, cite-se Raíssa Santos José: “A nascente do Rio Meia Ponte já foi palco de reuniões entre familiares e amigos, segundo depoimentos era comum as pessoas se reunirem nesse local, para poderem colocar a conversa em dia, descansar da rotina puxada de uma semana intensa de trabalho”. (JOSÉ, 2005, p. 65)

Mas, mais do que pano de fundo aos transeuntes devido à localização geográfica, a Casa da Ponte foi, também, coadjuvante na história de formação do povo genuinamente itauçuense, sobretudo quando abrigou, temporariamente, a primeira escola do povoado, nesse sentido, Coelho (2001).

Além desse fato, contribui para a relevância cultural imaterial do prédio a história do ilustre morador, o coronel Ernesto Magalhaes que, segundo conta o historiador Chafi José (2016), adquiriu a Casa e para lá mudou por volta de 1948, quando já havia perdido o título de maior produtor de café do Estado de Goiás (COELHO, 2001) e a região já se dedicava à pecuária. Leciona Raíssa: “o financiamento para que a produção de café de Itauçu viesse a ser substituída pela pecuária de gado foi feito porque, no começo da década de 1930, o coronel Ernesto Magalhães havia perdido toda a sua produção de café, em decorrência de uma forte geada.” (JOSÉ, 2005, p. 67). O coronel, pouco após a mudança para a Casa, faleceu no imóvel, por volta de 1952. (CHAFI JOSÉ, 2016)

Ocorre que em torno da prosperidade econômica e do título social de “coronel”, difundiam-se várias histórias vindas do imaginário popular. As mais modernas falam de assombrações: passos noturnos no prédio desabrigado, barulhos de correntes, imagens na

parede. Possivelmente são oriundas da lenda mais comum sobre o coronel que, conforme o repertório popular, tinha pacto com o diabo, guardado numa garrafa, e, quando morreu, magro e peludo, o corpo foi levado por ele, deixando no lugar um tronco de bananeira. Coelho (2001) entrevistou a neta do coronel e desvenda o mistério:

Segundo ela, seu avô veio acamar-se, dado a uma doença que o deixou muito magro e convalescente, que era “câncer” no pulmão. E uma filha do coronel que ficou cuidando do enfermo, como era muito sistemática o privava de receber visitas, a não ser dos mais íntimos da família. A doença, portanto, explica o motivo de ficar esquelético no final de sua vida. Quanto a ficar peludo é apenas lenda. De acordo com dona Wilma, em seus momentos o senhor [sic] Ernesto pediu para ser sepultado na cidade de Goiás, junto a sepultura de seu filho que havia morrido ainda jovem. Pediu também que sua morte fosse publicada e queria que todos seus empregados participassem do velório. No entanto, seu pedido foi atendido apenas parcialmente, pois em Itauçu não teve velório, sepultando-o na cidade de Goiás na presença apenas dos familiares e alguns amigos mais íntimos. (COELHO, 2001)

Outra lenda, cronologicamente anterior à primeira citada, porém menos difundida, também transcrita por Coelho (2001), refere-se a uma praga rogada sobre Raimundo Magalhães, Dico, filho do coronel. Após Dico, saindo de viagem, ter ameaçado derrubar a igrejinha em construção quando retornasse, o padre teria dito ao rapaz que para a viagem ele iria, mas não regressaria. Então, chegando à Vila Boa, fora acometido pela febre terçã e falecera no local. A partir daí, o Coronel que, segundo versam, era contrário ao crescimento e ao desenvolvimento do local, passou a impulsioná-lo. (COELHO, 2001)

Há, ainda, a lenda sobre o Sr. Werciley, marido de Dona Ernestina, conforme relata Jorge Belim em comentários sobre a foto da Casa, no *Facebook*: “Uma empregada do Sr Werciley, daquelas que moram no emprego, varou madrugadas cavando o quintal desta casa a procura de um pote de ouro que o Sr W. enterrara ali em outros tempos”. (BELIM, 2012)

Ligado, igualmente, à Casa, tem-se Chico Papo, o “homem do saco” itauçuense. Era baixo, moreno, possuía bócio, chegou ao povoado do Catingueiro nos anos 20 (COELHO, 2001). Em entrevista, Ana Garcia (2017), retirante baiana cujo pai trabalhava na usina hidrelétrica do coronel, conta que tinha sete anos (1949) quando, ao buscar o leite doado pelo coronel Ernesto, via Chico Papo sentado na calçada da Casa, momento em que dona Ernestina entregava-lhe um caneco de leite com farinha, que ele comia com gestos muito lentos. Acrescenta que Chico Papo era surdo-mudo e, além de gesticular ao vento, tinha o hábito de riscar o chão, como se demarcasse o terreno, um “engenheiro”, diziam.

Assim, por todo o incontestável valor material e imaterial, a Casa da Ponte foi tombada patrimônio histórico municipal, em 2013. Todos os trâmites legais, sociais e culturais para a restauração do imóvel e preservação da memória local estão sendo orquestrados pelos voluntários do Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP), em parceria com os poderes executivos, legislativos e a população.

3- Movimento Casa da Ponte: um sonho, muitas lutas

O Movimento Casa da Ponte de Itauçu/Go (MCP) tomou corpo nas entranhas da sociedade civil, surgindo, inicialmente, entre amigos, no ano de 2014, após se reunirem em dois saraus idealizados pela escritora Lucinda Prado, denominados 1º e 2º Sarau Amigos de Itauçu. A partir dessa confluência de artistas, foram identificadas lacunas na valorização da cultura itauçuense. Uma delas, a ausência de local apropriado às manifestações artístico-culturais. Outra, as ruínas do imóvel histórico mais antigo da cidade, a querida “Casa da Ponte”. Assim, entre contos, debates, histórias, poesias e estórias, postadas, sobretudo, no *Facebook*, acabaram convergindo os sonhos para uma grande luta: a restauração da Casa da Ponte e a implantação, nas dependências, do Museu da Memória, bem como a construção da Casa da Cultura, que engloba o Auditório e a Escola de Artes. (FUNDAÇÃO, 2017)

Nesse ponto, abre-se um precedente histórico ao MCP sobre os primeiros sonhos de restauro do prédio de 1932 para abrigar o museu, anseio antigo do historiador Chafi José (CHAFI, 2016). *A posteriori*, encampou esse ideal o geógrafo José Braga Coelho que, estando na vereança entre 1989-1992, requereu à Câmara o tombamento do imóvel para implementação do Museu Histórico Municipal, projeto aprovado em unanimidade, mas não efetivado pelo executivo (Coelho, 2001). Já nos idos de 2008, o então vereador Marcus Vinicius Rodrigues de Sousa Lino, apresentou a proposta de um Centro Cultural e, em parceria com a historiadora Raíssa Santos José, retomam a luta tentando negociações com o proprietário do imóvel, o empresário mineiro Ricardo Agel Tannus, porém, sem êxito (JOSÉ, 2005, p. 25-26).

Saltando para o ano de 2012, diante de uma imagem do fotógrafo Jorge Belim, postada no *Facebook* com a legenda “essa casa pede socorro” (BELIM, 2012), houve maior comoção dos moradores, já envolvidos no sonho de preservação das origens, impulsionando, então, um



965

encontro entre o prefeito, Alvimar Tiago de Almeida, gestão 2009/2012, o vice Clayton e Cristiane Arantes com Salma Saddi, do IPHAN, buscando soluções à causa (BELIM, 2012), ainda infrutífera. Mesma época em que o então vereador Moacir Dias Barbosa (Tulim) encaminhou ao Executivo o Requerimento nº 11/12 para instituição no local de um “Museu Vivo” (GARCIA, 2015).

Já em 2013, a escritora Lucinda Prado, residindo há anos em Roraima, numa postagem no *Facebook* (07/05/2013), contendo a imagem do prédio de 1932, acompanhada do conto “A casa”, movimentou a população e resgatou, por meio da rede social, o gosto pelas contações das estórias dormentes do povo, evidenciando a necessidade de preservação do patrimônio material e imaterial (PRADO, 2013). Esse o ápice para o que viria a ser, posteriormente, o Movimento Casa da Ponte. Diante do clamor social ainda não inteiramente mobilizado, mas instigado por Lucinda, o executivo, representado agora por Tulim, gestão 2013-2016, realizou o tombamento histórico do imóvel, pela Lei nº 858/13; e a Câmara de Vereadores assinou, em unanimidade, o Requerimento desapropriatório nº 02/13. (GARCIA, 2015)

Nessa seara, retoma-se ao primeiro Sarau Amigos de Itauçu, realizado no dia 18/01/14, idealizado pela escritora Lucinda Prado, em homenagem ao pai, o escritor Floriano Genésio da Silva, então com 90 anos de idade, tendo como organizadoras as irmãs Salete Prado, Irene Silveira, o amigo Rui França, bem como a autora deste trabalho, Rúbia Garcia. Sobre o assunto, a escritora, por áudio do *WhatsApp*, rememora à pesquisadora:

A ideia surgiu quando eu fui cuidar do papai, eu passava o mês de janeiro todinho aí, e eu pensei em fazer alguma coisa cultural para prestigiar o meu pai. Como eu estava com ele aí na chácara, e eu já tinha experiência em organizações de sarau, eu pensei: por que não fazer aqui? Foi quando imaginei que poderíamos fazer um grande sarau, aí mandei o texto para você, da “Maria Doida” (lembra?), e começamos a montar como é que a gente iria fazer essa coisa da exposição de artesanato, dos quadros de pintura, enfim, da cultura de um modo geral e, principalmente, música e poesia. Foi assim que começou, de uma forma simples, para prestigiar o meu pai, para que ele pudesse ter acesso à cultura bem ali no quintal da casa onde a gente estava, que era lá na chácara da Salete.

Narra Rui França Barbosa que nesta primeira edição, preparada na chácara Monte Castelo, de propriedade de Salete Prado e Luiz Pimenta, para um número limitado de amigos da família, houve participação de muitos artistas locais: pintores, poetas, declamadores, dançarinos, artistas cênicos, músicos, artesãos e o ambiente decorado pelas organizadoras com artigos regionais, o Varal Poético e o Guarda-roupa Literário (BARBOSA, 2017). Diante



966

do sucesso, o segundo Sarau Amigos de Itauçu realizou-se no mesmo ano, em 06/09/2014, contando com a participação de todos os artistas da primeira edição e de tantos outros que se juntaram aos primeiros, no afã de expressarem os veios artísticos itauçuenses, quando ficou latente a urgência de uma Casa de Cultura Municipal e o restauro do prédio de 1932.

Nesses trâmites, o MCP começou a tomar forma, pois ao grupo promotor dos saraus juntaram-se, dentre outros: Fátima Prado, Cristiane Arantes, Chafi José, Raíssa Santos José, Bruno Garcia, Marlene Prado e Marcus Vinicius Lino; sempre motivados por Lucinda Prado, que criou no *Facebook* “Vamos Salvar a Casa da Ponte – Itauçu-Go” (comunidade) e “Casa da ponte-museu-itauçu” (grupo público). Por meio deles, organizados no grupo expositor de ideias “Casa da Ponte Itauçu”, criado no *WhatsApp*, e representados por Salete Prado, surgiu a ideia de a sociedade civil adquirir a Casa e repassá-la ao município para restauração e criação do museu e casa da cultura. Mas as negociações com o proprietário não foram exitosas.

Não vislumbrando outra saída, a procuradora aposentada Salete Prado e o prefeito Tulim teceram parceria para proporem a Ação de Desapropriação da Casa da Ponte, à qual o MCP angariaria o valor do depósito em juízo, assim como doaria o trabalho advocatício. Desse modo, foi expedido o Decreto Desapropriatório nº 082/2015, assinado em 13/06/2015 pelo executivo, e ingressou-se em juízo. Na Ação, que ainda tramita na comarca de Itauçu, foi concedida ao autor a posse provisória da Casa para medidas urgentes de conservação, o que vem sendo gerido pelo executivo, o MCP e parcerias público-privadas. (FUNDAÇÃO, 2017)

Diante desse fato, cresce na sociedade o número de apoiadores de todo o projeto que conta, atualmente, com os seguintes integrantes diretos, todos descritos no texto desta pesquisadora postado no Facebook em nome do MCP: Salete Prado, Lucinda Prado, Chafi José, Bruno Garcia, Cristiane Arantes, Rúbia Garcia, Raíssa Santos José, Maria De Fátima Prado, Rui França Barbosa, Sueli Jacinto, Marcus Vinicius Lino, Sebastião Barbosa, Hailton Correa, Claudia Gabriel, José Braga Coelho, João Júnior Vieira, Luiz Pimenta, Marlene Prado, Nelson Guimaraes, Regis França Barbosa, Terezinha Adarse, César Fagundes, Wellington Gonçalves, Lúcia Alvarenga e Arestino Fernandes. (GARCIA, 2017) E está constantemente recebendo apoiadores, principalmente para a feitura dos saraus que, na terceira e quarta edições, realizaram-se na rua, aberto ao público, e com participação prioritária dada aos estudantes e aos escritores da terra, além dos músicos, dançarinos,



967

artesãos, atores, congadeiros e catireiros (CORREA, 2017, p. 07).

Imersa na gênese do MCP e na feitura dos saraus Casa da Ponte, a autora deste trabalho ingressou, em 2017, no curso de Letras da UEG, câmpus Inhumas, onde a profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro desenvolve projetos culturais relacionados ao Estado de Goiás. Dentre eles, há o projeto de extensão denominado “História e Literatura em Itauçu: uma religação de saberes”, ao qual a discente aderiu com o subprojeto “Saraneando o que há de bom: a produção poético-literária em Itauçu-Go”. Espera-se com isso expandir a visibilidade acadêmica do MCP e de todas as ações culturais por ele abarcadas na sociedade.

Comprovando este trabalho desenvolvido pelo MCP enquanto difusor da cultura e propulsor dos saberes materiais e imateriais do povo itauçuense, a própria organização lista, por meio de convite-histórico para o quarto Sarau Casa da Ponte, realizado na porta da Casa no dia 28/04/2017, os principais feitos desde as primeiras constituições (FUNDAÇÃO, 2017):

Tombamento histórico pela Lei nº 858/13; Decreto Desapropriatório nº 82/15; R\$ 30.000,00 em doações, depositados em juízo na Ação de Desapropriação; Doação ao MCP do projeto arquitetônico, elétrico, de estrutura, hidráulico e paisagístico; Mutirão para a limpeza de entulhos e para escora das paredes; Doação do projeto arquitetônico para a construção da Casa da Cultura; Bingo de uma bezerra entre a população; Patrocínio para confecção de camisetas; Ida do MCP ao Congresso Nacional, em Brasília (2015 e 2016); Realização do 3º Sarau Amigos de Itauçu – edição Casa da Ponte (05/12/2015); Doações em dinheiro, materiais e mão de obra para a construção da estrutura externa de proteção; Visita do MCP ao Instituto Bariani Ortencio; Criação da FUNDAÇÃO CULTURAL E MUSEU DA MEMÓRIA CASA DA PONTE DE ITAUÇU/GO pela LEI Municipal 934/015, instituída pelo DECRETO 146/2016, CNPJ nº 27.172.051/0001-57, e publicação do ESTATUTO nomeando como servidores VOLUNTÁRIOS membros do MCP; Doação de um escapulário de ouro para o próximo bingo (objetivo: construir o muro de arrimo). (FUNDAÇÃO, 2017)

Isto posto, o MCP que, segundo os dados acima, a partir de 2017, passa a ser gerido pela Fundação Cultural e Museu da Memória Casa da Ponte de Itauçu-Go, por meio de trabalho voluntário entre os integrantes do próprio Movimento, segue trajando carisma e competência a fim de alcançar o sonho de muitas gerações itauçuenses: o restauro da Casa da Ponte, futuro Museu da Memória, bem como a construção da Casa da Cultura.

Conclusão

Por todo o exposto, tem-se que sob a “Pedra Grande” no meio do caminho das tropas e boiadas ergueu-se o povo itauçuense que, com olhos futurísticos, repisa o passado a fim de se



968

perpetuar material e imaterialmente no tempo a transcorrer implacável sobre a Casa da Ponte.

Isto, pois o Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go gestou-se, naturalmente, no ventre da sociedade civil, ávido pela preservação tanto do patrimônio tangível, a Casa da Ponte, quanto do intangível, os costumes, as histórias e as estórias do próprio povo, nas mais amplas expressões artístico-culturais. Cite-se aqui três peças fundamentais: Lucinda Prado, idealizadora dos saraus, Salete Prado, líder do MCP e Chafi José, museu vivo da memória.

Depreende-se, assim, que o MCP é aclamado pelos populares porque, efetivamente, participam dos feitos por ele promovidos. Além do mais, tem o respeito de autoridades executivas e legislativas em todos os âmbitos da federação. Sendo, também, um elo entre artistas e o mundo exterior. Isto comprova que Itauçu não é só um marco divisor de águas, mas também um marco conversor de ideias e expansão do saber.

Portanto, a pesquisa, primária no assunto, insta concluir que o MCP existe de fato e de direito enquanto entidade promotora dos saberes palpáveis e impalpáveis do povo itauçuense, bem como da preservação cultural das origens, mormente após a instituição da Fundação Cultural e Museu da Memória Casa da Ponte de Itauçu-Go.

Referências

BARBOSA, Rui França. **Memória de Um Sexagenário** – Capítulo 45. Disponível em: <https://www.facebook.com/ruifrancabarbosa.franca/posts/1445840362134963>. Consultado em 08/05/2017.

BELIM, Jorge. **Esta casa pede socorro**. Facebook, 05/03/2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=185976978181559&set=t.100003077738484&type=3&theater>. Consultado em 05/05/2017.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. **Itauçu: sonhos, utopias, e frustrações no movimento camponês**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.

COELHO, José Braga. **De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano**. Monografia (TCC) – Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2001.

CORREA, Hailton. **Sarau de Itauçu: promoção à cultura e ao resgate de nossa identidade**. Diário da Manhã, Goiânia: 06/05/2017.

_____. **Aquela Casa**. Diário da Manhã, 10/10/2015. Disponível no seguinte endereço eletrônico: http://m.dm.com.br/#/conteudo?url=/opinioao/2015/10/aquela-casa.html&_k=4tokkr. Consultado em 10/05/2017.



969

DOURADO, Autran. **O risco do bordado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FUNDAÇÃO CULTURAL E MUSEU DA MEMÓRIA CASA DA PONTE DE ITAUCUGO. 4º Sarau Casa da Ponte. **Folder**, 2017.

GARCIA, Rúbia. **4º Sarau Casa da Ponte**. Facebook, 01/05/2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/rubia.garciadepaula/posts/1645351225493556>. Consultado em: 10/05/2017.

_____. **Quer Conhecer a História do Movimento Casa da Ponte?** - 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1098316126863738&set=a.400567673305257.107241.100000560842632&type=3&theater>. Consultado em 11/05/2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Goiás - Itauçu. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521140&search=goias|itauçu>. Consultado em 07/05/2017.

JOSÉ, Raíssa Santos. **Itauçu**: memória fotográfica de uma cidade do sertão goiano. Monografia (TCC) – Universidade Estadual de Goiás, 2009.

MUSEU CASA DE CORA CORALINA. Disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.museucoracoralina.com.br/site/>. Consultado em 09/05/2017.

PRADO, Lucinda. **A casa**. Facebook, 07/05/2013. Disponível no seguinte endereço eletrônico <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3056834036350&set=a.1304997841540.34484.1728355799&type=3&theater>. Consultado em 10/05/2017.

Fontes orais:

Ana Garcia, entrevista concedida em 08/05/2017.

Chafi José, entrevista concedida em 2016.

Lucinda Prado, entrevista concedida, via *WhatsApp*, em 09/05/2017.